CADERNOS do APLICAÇÃO
Pesquisa e Reflexão em Educação Básica

ISSN 2595-4377
https://seer.ufrgs.br/CadernosdoAplicacao
Porto Alegre | v. 36 | n. 1 | jan./jun. 2023
https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

>> Temática Especial 1

O Mulato, de Aluísio Azevedo e *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz: um estudo de caso da literatura afro-brasileira com vistas à leitura literária na Educação Básica à luz dos conceitos de "estigmatização" e de "agência histórica"

Augusto Casoni Quinellato[1]
Adauto Locatelli Taufer[2]
Marcia Cristina Roque[3]

Resumo: Na presente produção, através de uma metodologia de estudos bibliográficos, o objetivo é analisar duas obras da literatura nacional de diferentes períodos literários: O Mulato, Azevedo (2020) e Água de Barrela, Cruz (2018), sendo a primeira do período do Naturalismo e a segunda parte do período atual, ou seja, da literatura contemporânea. Nelas, através dos conceitos de "estigmatização" - Bhabha (1998) e Holanda (1995) - e de "agência histórica" - Zelnik (2015), o foco é destacar como foram retratadas as personagens negras - tanto no que diz respeito ao enredo da obra quanto no que tange à técnica de escrita dos respectivos autores, de diferentes origens étnicas. Com isso, espera-se demonstrar a importância da leitura contextualizada e da comparação sobre a maneira como diferentes períodos literários e diferentes autores retrataram a história de pessoas negras em nosso país. Por fim, a conclusão resgata a relevância desta análise para o ensino de literatura na Educação Básica e para a construção de uma educação mais inclusiva e antirracista.

Palavras-chave: Estigmatização. Agência histórica. Ensino de literatura brasileira. Educação Básica. Educação antirracista.

O Mulato, by Aluísio Azevedo, and *Água de Barrela*, by Eliana Alves Cruz: a case study of Afro-Brazilian literature aiming at promoting literature reading practice at Basic Education and lit by the concepts of "stigmatization" and "historical agency"

Abstract: In this work, by means of a bibliographic study methodology, we aim at analyzing two national literary works from different periods: O Mulato, by Azevedo (2000), and Água de Barrela, by

[1] Acadêmico do Curso de Letras da UFRGS. Bolsista PIBIC-CNPq. E-mail: augustocasoni@gmail.com ORCID: http://orcid.org/0009-0006-9002-3899
[2] Doutor em Letras, professor do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: adautotaufer@gmail.com ou adauto.taufer@ufrgs.br ORCID: http://orcid.org/0000-0001-5855-4792
[3] Doutora em Letras, professora do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: marciaroquelit@gmail.com ORCID: http://orcid.org/0000-0003-4646-9069

Cruz (2018), the first one being from the Naturalist movement and the second one, a contemporary publishing. The concepts of “stigmatization” (Bhabha, 1998 and Holanda, 1995)) and “historic agency” (Zelnik, 2015) were applied to the analysis aiming at highlighting the way in which the black characters were represented, considering both the plot and the writing techniques employed by the authors, who are from different ethnical backgrounds. Thus, our objective is to portray the importance of contextualized reading and of the comparison of the ways in which different literary periods and different authors depict the stories of black people in our country. At last, the conclusion shows the relevance of such analysis for literature teaching in Basic Education and for building up education in an inclusive and anti-racism way.

Keywords: Stigmatization. Historical agency. Brazilian literature teaching. Basic Education. Anti-racism education.

O Mulato, de Aluísio Azevedo, y *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz: un estudio de caso de la literatura afrobrasileña para la práctica de lectura en la Educación Básica a la luz de los conceptos de "estigmatización" y "agencia histórica"

Resumen: En la presente producción, con la metodología de estudios bibliográficos, el objetivo es analizar dos obras de la literatura nacional de diferentes períodos literarios: O Mulato, Azevedo (2020) y Água de Barrela, Cruz (2018), siendo la primera del período del Naturalismo y la segunda parte del período actual, es decir, de la literatura contemporánea. En ellas, a través de los conceptos de "estigmatización" - Bhabha (1998) y Holanda (1995) - y de "agencia histórica" - Zelnik (2015), el enfoque es destacar cómo fueron retratados los personajes negros - tanto en lo que respecta al argumento de la obra como en lo que respecta a la técnica de escritura de los respectivos autores, de diferentes orígenes étnicos. Con esto, se espera demostrar la importancia de la lectura contextualizada y de la comparación sobre la manera como diferentes períodos literarios y diferentes autores retrataron la historia de personas negras en nuestro país. Por último, la conclusión rescata la relevancia de este análisis para la enseñanza de literatura en clase de la Educación Basica y para la construcción de una educación más inclusiva y antirracista.

Palabras clave: Estigmatización. Agencia histórica. Enseñanza de literatura brasileña. Educación Basica. Educación antirracista.

1 Introdução

Na obra *Literatura para quê?*, Compagnon (2009) discute a possível função desta instituição humana chamada literatura. Nesse texto, Compagnon argumenta que a literatura é uma forma de reflexão sobre a vida e sobre o mundo, permitindo ao indivíduo compreender sua própria existência e seu lugar na sociedade. Ele afirma, ainda, que a literatura é um meio de expressão além de uma forma de realizar críticas sociais e políticas.

Em um dos primeiros tópicos da argumentação do autor, em relação aos motivos para defender o ensino de literatura, está o poder que ela possui de ensinar através do prazer e do exemplo, algo muito ligado à *mímesis* aristotélica. Isso porque, segundo o autor, a narrativa é insubstituível para configurar a experiência humana, principalmente a experiência

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

do tempo (COMPAGNON, 2009). Importante destacar que, para Aristóteles, a *mímesis*, ou "imitação"

> trata-se de um processo que é compartilhado tanto pela natureza, como pela arte; é dessa forma que interpretamos a famosa afirmação de que "a arte imita a natureza". Assim, em lugar de associar a imitação ao falso e enganoso, a imitação da natureza por parte da arte não é um retratar, realizar uma simples cópia do real, mas um fazer como, produzir à maneira de (imitar um processo). Imitação como produção. (LEMOS, 2009, p. 84).

No entanto, não é porque seja exemplo de moral, que a literatura não possa ou não deva ser questionada, visto que o elemento temporal, isto é, o fato de que cada obra foi escrita em determinado período da História, é marca importante de todas as obras literárias. Tendo isso em mente, e centrando esta produção essencialmente em literatura brasileira, a intenção é refletir sobre como o papel de pessoas negras e escravizadas foi retratado em obras de nosso país. Já que o ensino de literatura é importante também porque nos ensina através do exemplo, é válido o questionamento sobre os tipos de modelos que nos deixam as mais variadas obras de diferentes períodos do cânone nacional, e, com base nesta reflexão, é ainda mais importante pensarmos em maneiras de identificar as questões raciais que os períodos históricos suscitam quando tratamos de literatura dentro da sala de aula. Nesse sentido, o ensino da literatura afro-brasileira tem uma importância fundamental no ensino básico, pois ele permite o reconhecimento e a valorização da história, da cultura e da contribuição dos negros na formação do Brasil. Além disso, essa literatura permite a ampliação da visão de mundo dos estudantes e a compreensão das relações sociais marcadas pelo racismo e pela desigualdade, dois conceitos contra os quais a luta deve ser incessante quando se quer uma sociedade, de fato, plural. E essa batalha precisa se presentificar nas práticas docentes na Educação Básica.

Com base na discussão acima empreendida, as obras escolhidas para esta análise são *Água de Barrela*, de Eliana Alves Cruz, e *O Mulato*, de Aluísio Azevedo. O objetivo das análises, aqui apresentadas, é fornecer ao educador subsídios que lhe permitam ampliar as possibilidades de apresentação dos textos ora discutidos em contextos da Educação Básica, promovendo o diálogo crítico e a formação de leitores ciosos das armadilhas da representação.

Os conceitos-chave à análise, aqui empreendida, serão "estereotipificação" e "agência histórica". Para Bhabha, no capítulo intitulado "A outra questão (o estereótipo, a discriminação e o discurso do colonialismo)" da obra *O Local da Cultura*, (1998, p. 105-106), os estereótipos são criados para representar outros grupos étnicos de forma simplista e reducionista, criando imagens fixas e distorcidas dessas outras culturas e desses outros grupos. O autor discorre a respeito de essas representações estereotipadas serem utilizadas para manter o poder e a dominação dos grupos dominantes sobre os grupos subalternos. Além disso, Bhabha sugere que estereótipos são dinâmicos e que podem ser subvertidos e resistidos pelos indivíduos e pelos grupos que são representados de forma estereotipada.

O autor também argumenta que as noções de "identidade cultural" e de "estrangeiro" são construídas socialmente e são influenciadas pela história, pela política e pelas relações de poder; são noções fluidas e não fixas, e a interação entre diferentes culturas e entre distintos

grupos sociais é fundamental para a construção de identidades culturais. Bhabha também discute sobre a importância da "diferença cultural" e sobre como ela é usada para reforçar ou desafiar as relações de poder. A cultura, sob essa perspectiva, seria um espaço de negociação e de resistência, e a interação entre diferentes culturas e entre distintos grupos sociais poderia levar a mudanças sociais e políticas significativas. Logo, é justamente sobre esse último raciocínio que vemos a importância de como o retrato de personagens negros pode ter papel essencial na construção de uma visão mais próxima de nossa dura e violenta realidade histórica. Pensar e comparar o retrato de negros escravizados em nossa literatura é, dessa maneira, assumir uma postura crítica sobre como interpretamos nosso passado.

Talvez, com esse questionamento e com essa comparação, seja possível colocar em prática justamente o segundo fator que Compagnon (2009, p. 34-35) destaca como ponto essencial para a defesa do ensino de literatura: o poder de ser um antídoto. Para o autor francês, a literatura tem justamente a força de contestar o Poder; é o Contrapoder; é através dela que podemos buscar remédio para a alienação imposta por outros fatores quotidianos, como: a lógica capitalista do trabalho constante, a letargia psicossocial causada pelo uso frequente das redes sociais, ou, até mesmo, os revisionismos históricos que buscaram remodelar, ou suavizar, fatores importantes de nossa história, sendo este último o mais presente nesta produção e o mais importante para nossa perspectiva da abordagem do ensino de literatura em sala de aula. Por isso, tal movimento compreende a necessidade de se trabalhar nas escolas com textos de autores negros capazes de construir novas possibilidades de representação literária, pois ouvir o relato daqueles que viveram e vivem em sua própria pele o passado da escravização negra é, talvez, o único caminho possível para a compreensão dos efeitos desse processo em nossa conformação social e cultural.

Dessa maneira, através da própria literatura, buscaremos a problematização do retrato de alguns personagens na obra naturalista de Azevedo, em contraposição à obra contemporânea de Cruz. Apesar de, dentro de seus períodos literários, ambas se passarem praticamente no mesmo período histórico, os últimos anos do Império no Brasil antecedentes à abolição da escravidão, a diacronia das autorias mostrará grandes e essenciais diferenças que podem contribuir para uma educação mais inclusiva e antirracista se colocadas em relevo, no debate das obras e durante suas leituras.

Com isso, vale ressaltar que acreditamos na importância do debate e da discussão das leituras em sala de aula, além da mera contextualização histórica e da identificação de características literárias porque, muitas vezes "atividades de escrita e de leitura só existem para um uso dito útil, que servirá para algo concreto e palpável: a prestação de prova para ingresso no ensino superior" (TAUFER; DANDI CARDOSO; 2022, p. 3), o que não deve ser o fim último da Educação, principalmente a Pública e a Básica, que visa formar cidadãos e não apenas mão-de-obra. Nesta ideia, enxergar a questão racial dentro de obras literárias nos parece um dos aspectos essenciais da constituição da cidadania brasileira no séc. XXI e com a instrumentalização dos conceitos que pretendemos analisar nesta produção, esperamos que os estudantes se sintam mais capazes para esta tarefa.

2 O naturalismo e o estereótipo - como o negro foi (re)tratado em *O Mulato*

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

O Mulato é um romance basilar da prosa naturalista brasileira. Escrita no século XIX por um maranhense, a obra contempla costumes, tradições e características do povo brasileiro, especificamente do Maranhão, neste período histórico. Seu autor, Aluísio Azevedo, era um homem branco nascido em 1857, em São Luís, onde realizou os estudos secundários. Sua primeira obra de relevo foi justamente *O Mulato*, livro que irritou seus conterrâneos na época, fato que obrigou Azevedo a se mudar para o Rio de Janeiro. Além desse clássico da literatura naturalista brasileira, esse autor escreveu incessantemente contos, operetas, romances e revistas. Azevedo, por seu turno, foi um abolicionista assim como muitos de seus companheiros do movimento naturalista. No período final de sua vida, foi cônsul, serviu em vários países e não se dedicou mais à literatura; morreu em Buenos Aires, em 1913 (BOSI, Alfredo, 2017, p. 198-199).

O contexto naturalista se dá contemporaneamente ao realista, sendo aquele uma espécie de fruto deste, de maneira que, conforme Afrânio Coutinho (1969, p. 8), o Naturalismo é um Realismo a que se acrescentam certos elementos, que o distinguem e o tornam inconfundível a fisionomia em relação a ele. É o Realismo fortalecido por uma teoria de cunho científico, uma visão materialista do homem e da sociedade.

Publicado em 1881, *O Mulato* inaugura o movimento naturalista no Brasil. O nome do livro faz referência a seu protagonista, um mulato bastardo, filho de um senhor e de sua escrava, que o deu à luz em uma fazenda, no nordeste do país. Apesar de ter origem no seio da escravidão sul-americana, Raimundo, personagem protagonista dessa obra, legará do pai boa herança e estudará, desde muito novo, na Europa. Após um grande hiato, distante das terras brasileiras em decorrência da mudança para o velho continente, Raimundo retorna ao Brasil já doutor e só quando apaixona-se por sua prima, Ana Rosa, e decide pedi-la em casamento, é que consegue compreender as dificuldades de lidar com sua origem em um país escravocrata e racista.

Com uma prosa direta e cientificista, o romance retrata o racismo da sociedade brasileira através de um enredo melancólico e de uma paixão tórrida, marcada por interesses financeiros, por intrigas sentimentais, por assassinatos e por sofrimentos familiares.

O que interessa a esta produção não é apenas a maneira como os personagens do romance tratam o protagonista negro, Raimundo, mas também quais escolhas do autor servem para caracterizar outras personagens negras que permeiam a trágica história. Será possível perceber, não apenas a estereotipificação feita pelas personagens, mas também aquela realizada pelo próprio narrador para descrever Raimundo e demais personagens negras.

O estereótipo foi um meio muito utilizado no colonialismo, principalmente para legitimar comportamentos racistas. Os maus tratos para com os negros e para com os escravizados eram justificados através da racionalização desses tipos de comportamentos endereçados às pessoas negras, consideradas "inferiores". Essa inferioridade era construída de várias maneiras uma vez que o sentimento de

> superioridade com relação a seres naturalmente inferiores apoiava-se em estereótipos, como os que descreviam de forma monstruosa e assustadora o africano [...]. Esses estereótipos, muitos deles divulgados por ilustrações publicadas nos periódicos e nas novelas de folhetim, "funcionavam como substitutos para a argumentação racional". (MOREIRA, 2021, p. 60).

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

Vários trechos do romance podem ser destacados para ilustrar as estereotipificações sofridas por Raimundo e idealizadas na sociedade burguesa maranhense do século XIX. A seguir, listaremos algumas passagens de relevo presentes no romance em questão.

Os primeiros sinais do preconceito racial da época já podem ser observados no discurso de Quitéria Inocência, esposa do pai de Raimundo e madrasta que ele nunca irá conhecer. Nas passagens que envolvem Quitéria, constatamos o ódio da mulher contra os negros, quando o narrador relata que, para ela "um escravo não era um homem, e o fato de não ser branco constituía por si só um crime" (AZEVEDO, 2020, p. 40). Também, após suspeitar do carinho de seu marido para com um dos filhos de Domingas (a mãe de Raimundo), Quitéria ordenará que a escrava seja torturada, gerando um dos momentos mais sórdidos do romance.

Mas não apenas na esposa desajuizada de José temos representações de comportamentos e falas violentas e racistas. Na verdade, em muitas outras personagens há marcas de violência contra negros. Aliás, outro exemplo é a passagem em que os habitantes das redondezas de São Brás relatam que, em suas ruínas, vivia uma preta feiticeira (AZEVEDO, 2020, p. 53), excerto que pode ser lido como uma estereotipificação relacionada às religiões de matrizes africanas e ao comportamento de Domingas, traumatizada pela tragédia que viveu:

> O vigário do lugar, pessoa insuspeita e criteriosa, nem só confirmava o que diziam, como aconselhava a que não fossem lá. "Aquilo eram terras amaldiçoadas!" [...] Anos depois, contavam que nas ruínas de São Brás vivia uma preta feiticeira que, por alta noite, saía pelos campos a imitar o canto da Mãe-da-lua. (AZEVEDO, 2020, p. 53, destaques do autor).

Também muito racismo e violência são observados nas falas e nos diálogos das personagens mais idosas da obra, como neste diálogo travado entre Amância e Maria do Carmo:

> - Estas escravas de hoje têm luxos! - observou Amância em voz baixa a Maria do Carmo, apontando [...] para Brígida. [...]
> - É uma sem-vergonheira! Ver as escravas todas de cambraia, laços de fita, água de cheiro no lenço, a requebrarem as chandangas na dança!...
> - Ah, um bom chicote! - disseram as duas velhas ao mesmo tempo. (AZEVEDO, 2020, p. 67).

Outra personagem em cujas manifestações discursivas podemos observar inúmeras falas preconceituosas e violentas é Maria Bárbara, sogra de Manuel. Além dos inúmeros xingamentos usados para se referir a Raimundo, a senhora dirige-se a ele em muitos momentos da narrativa como "cabra", o que parece um vocativo nada gentil e reservado a pessoas negras ou mulatas, como era o caso do protagonista, chegando a associá-lo ao próprio demônio em diálogo com o cônego Diogo (AZEVEDO, 2020, p. 157).

Uma boa demonstração de parte da violência que Raimundo sofre durante sua estadia no Maranhão está na reflexão que faz relacionada à palavra "mulato", após entender que não teria a mão de Ana Rosa em namoro porque era filho de uma escrava:

> Esta só palavra explicava-lhe agora todos os mesquinhos escrúpulos que a sociedade do Maranhão usara para com ele. Explicava tudo: a frieza de certas famílias a quem visitara; a conversa cortada no momento em que

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

> Raimundo se aproximava; as reticências dos que lhe falavam sobre os seus antepassados; a reserva e a cautela dos que, em sua presença, discutiam questões de raça e de sangue; a razão pela qual dona Amância lhe oferecera um espelho e lhe dissera: "Ora, mire-se!"; a razão pela qual diante dele chamavam de meninos os moleques da rua. Aquela simples palavra dava-lhe tudo o que ele até aí desejara e negava-lhe tudo ao mesmo tempo, aquela palavra maldita dissolvia as suas dúvidas, justificava o seu passado; mas retirava-lhe a esperança de ser feliz, arrancava-lhe a pátria e a futura família; aquela palavra dizia-lhe brutalmente: "Aqui, desgraçado, nesta miserável terra em que nasceste, só poderás amar uma negra da tua laia! Tua mãe. lembra-te bem, foi escrava! E tu também o foste!" (AZEVEDO, 2020, p. 192, destaques do autor).

Além do racismo que ocorre dentro do enredo, é possível observar na obra marcas de estereotipificação do próprio autor para retratar comportamentos e características das demais personagens. Este procedimento parece ainda mais presente no naturalismo, visto que era característica do movimento uma retratação crua e, em alguns momentos, até mesmo animalesca do comportamento humano. O excerto sobre a descrição do escravo Benedito mostra claramente esse procedimento, já que o menino é descrito como possuidor de uma "agilidade de macaco" (AZEVEDO, 2020, p. 66).

Um dos primeiros exemplos de estereótipos do narrador ocorre já nas passagens que relatam a história do pai do personagem principal, José Pedro da Silva, um português que terá Raimundo como filho após relacionar-se com Domingas, sua escrava. Em sua ida ao interior do Maranhão, o narrador, num excerto que parece utilizar o discurso indireto-livre, relata que o sertão da província do Maranhão poderia ser temido com razão devido a estar cheio de mocambeiros, onde viviam escravos violentos. Acrescenta que "Esses desgraçados, quando não podem ou não querem viver da caça, que é por lá muito abundante e de fácil venda na vila, lançam-se à rapinagem e atacam na estrada os viajantes" (AZEVEDO, 2020, p. 47). Nesse fragmento de texto é possível identificar uma declarada estigmatização do negro como um sujeito violento.

No entanto, não é apenas a estigmatização em torno da violência que foi alvo do preconceito colonialista e da legitimação do racismo, pois

> [...] propugnar a dependência dos egressos do cativeiro com os ex-senhores e advogar a sua permanência nas antigas fazendas, onde trabalharam compulsoriamente por anos, como uma forma de retribuir "o carinho" da família senhorial, era um eufemismo hipócrita frequente entre os abolicionistas brancos. (MOREIRA, 2021, p. 72).

A estigmatização do negro como "dócil" ou "passivo" em relação à exploração escravista também era muito comum. Este fato nos remete à obra de Sérgio Buarque de Holanda (1995, p. 91-99), pois, para este autor, o homem brasileiro é marcado por uma aparente hospitalidade, gentileza, afabilidade e cordialidade nas relações sociais. No entanto, por trás dessa aparente sociabilidade, há uma forte tendência à intimidade excessiva, à ambiguidade e à violência. E isso podemos ver claramente também na maneira como Aluísio Azevedo retrata a escrava Mônica na obra.

> Desde que amamentara Ana Rosa, dedicara-lhe um amor maternalmente extremoso, uma dedicação desinteressada e passiva. Iaiá fora sempre o

> seu ídolo, o seu único "querer bem", porque os próprios filhos, esses lhe arrancaram e venderam para o Sul. [...]
> Havia seis anos que era forra. Manuel dera-lhe a carta a pedido da filha, o que muita gente desaprovou: "Terás o pago!...", diziam-lhe. Mas a boa preta deixou-se ficar em casa dos seus senhores e continuou a desvelar-se pela Iaiá melhor que até então, mas cativa do que nunca. (AZEVEDO, 2020, p. 82-83, destaques do autor).

Uma última estigmatização, também presente em mais de um momento da obra, trata-se da objetificação sexual dos corpos negros. Os povos escravizados foram, como a história do próprio Raimundo retrata, utilizados como objetos sexuais por seus senhores. Esse aspecto podemos extrair do romance tanto pelo narrador quanto pelas personagens, como na passagem que descreve que "[em relação a Raimundo] as moças não lhe fechavam o coração; em sociedade o repeliam todas, isso é exato, mas em particular, o chamavam para a alcova" (AZEVEDO, 2020, p. 93). Resquícios desta sexualização dos corpos negros ainda podemos notar atualmente, e um destes exemplos é o carnaval, sobretudo o carioca, em que os corpos objetificados dos pretos e das pretas estão expostos como se estivessem na vitrine de um açougue, cujas únicas qualidades relegadas a eles nessa festa popular são: corpos maliciosamente esculpidos e delineados para o prazer carnal e o famoso "samba no pé", algo muito difícil ou jamais alcançado pelos brancos e pelas brancas.

3 Agência histórica - o negro como seu protagonista em *Água de Barrela*

Já contemporânea, a obra *Água de Barrela* trará uma visão muito diferente sobre ações e caracterizações dos negros escravizados. Segundo Maringolo (2022),[4] sua autora, jornalista por formação, é Eliana Alves Cruz. Nascida no Rio de Janeiro, Eliana é uma mulher negra que atua como chefe do Departamento de Imprensa da Confederação Brasileira de Esportes Aquáticos. A jornalista e escritora retrata no romance a história de seus antepassados negros e negras que remonta até a travessia forçada da África em direção ao Brasil para servirem de força de trabalho para as plantações dos aristocratas brasileiros, que lucravam e viviam à base de suor e de sangre negro.

O enredo começa com a chegada de dois personagens ao Brasil através do tráfico para escravização. São Akin Shangokunle, que posteriormente é batizado de Firmino, e sua cunhada Ewà Oluwa, grávida de seu irmão Gowon, que se torna Helena, oriundos da região do reino de Oió. Ambos sobrevivem aos tormentos do navio negreiro. Ao chegarem no Brasil, são comprados pelos Tosta, família que teria um longo destino entrelaçado ao da família de Akin e Ewà. Mesmo após passar por enormes sofrimentos, Ewà consegue dar à luz a uma menina chamada Anolina, que continuaria a história, a memória e as lutas dos vindos de África.

A obra relatará, em vários momentos, como os personagens principais, em sua maioria negros escravizados, foram responsáveis por resistir a castigos impostos pelos senhores e por fazer o possível para serem libertos ou para conseguirem a liberdade de seus

[4] "Água de barrela, de Eliana Alves Cruz: a saga de uma família negra no Brasil em três séculos de história." (Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/72-eliana-cruz-agua-de-barrela. Acesso em: 27 jan. 2023).

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

companheiros de cárcere. Ações estas que podemos considerar como exemplos do papel protagonista que essas personagens tiveram em sua própria história.

Assim, *Água de Barrela* se coloca como uma obra que retrata personagens negros como responsáveis por suas possíveis trajetórias, o que deve ser visto com destaque e com atenção, já que a "agência" de negros escravizados foi subestimada em grande parte da história do nosso país e em grande parte da história de nossa literatura.

Para destacar momentos em que podemos observar a agência dos personagens, é preciso, primeiramente, determinar o que significa esse termo. Segundo Zelnik (2015): "Agency is perhaps what distinguishes history from say sociology, anthropology, and archeology—the conviction that the past should be told as a narrative in which people are the main protagonists and the 'agents' of change"[5]. Cruz, em vários momentos da obra, escreve sobre atitudes que podem ser enquadradas neste escopo, principalmente no que atine às personagens femininas. E sobre a agência feminina na escravidão podemos afirmar que

> As ações executadas pelas mulheres correspondem à negação do modo de produção escravista e a consequente oposição ao mando dos senhores proprietários. Assim, travando um movimento entre opressão e resistência, elas arquitetavam diferentes alternativas para sobreviverem e se libertarem. (CISNE; IANAEL, 2022, s.p.).

De acordo com o historiador Tiago Luis Gil (2019), as práticas de resistência entre os escravizados, algumas vezes, adquiriam o caráter de rebelião, outras, eram quase imperceptíveis. De acordo com análises em vários processos-crime da época, teve-se acesso a cartas entre senhores e escravos e a manuais de como tratar os escravizados, além de termos reivindicatórios por parte desses. Tais documentos mostram que os negros, longe de estarem em uma posição passiva frente aos senhores, usavam das poucas armas legais que tinham a fim de obterem melhores condições de vida.

Dentro das senzalas, essas práticas iam desde a negociação de tarefas a fim de evitar seu desgaste físico, (pois no eito, os escravizados eram cobrados por metas diárias que, na maioria das vezes, consumiam sua força e sua vitalidade) até ações de sabotagem como jogar limão nos tachos de garapa ou lançar fagulhas para incendiar os canaviais.

É imprescindível destacar que os senhores tinham conhecimento do potencial destrutivo dessas ações, que traziam grandes perdas econômicas para eles, e do fato de que, após a promulgação das primeiras leis de proteção à população escrava, os fazendeiros seriam enredados em processos judiciais com essas demandas. Não que a lei protegesse, de fato, os escravizados, mas a insatisfação crescente poderia vir a culminar em uma rebelião e em fuga em massa. Sendo assim, muitos senhores adotavam posturas mais conciliadoras a fim de evitar perdas econômicas.

Estes movimentos de resistência podem ser observados em vários momentos ao longo do romance e do desenvolvimento da história. Um dos primeiros momentos em que é relatado um movimento de resistência à exploração e à subordinação é na mutilação da escrava Felipa, quando, após dias cansativos de trabalho e de má alimentação, a escrava se nega a participar da oração matinal. Não somente todos os escravos eram colocados ali sem preocupações com suas vontades, mas também eram obrigados a professarem uma religião

[5] (Tradução: Agência é, quiçá, o que distingue história de sociologia, antropologia e arqueologia - a convicção de que o passado deveria ser contado como uma narrativa em que as pessoas são os principais protagonistas e os "agentes da mudança").

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

que não escolheram e que não era a que costumavam praticar em suas regiões de origem. Estamos aqui tratando, também, do processo de aculturação religiosa dos povos escravizados pelo homem branco. Esse processo, inclusive, negava exclusivamente as origens e os mitos africanos, obrigando os povos escravizados a adotarem e a cultuarem os costumes e as tradições da religião cristã.

A negação que, em um primeiro momento é devido ao cansaço, passa a ser uma ação consciente de resistência da escrava após a insistência da sinhá Joanna. Como podemos acompanhar no trecho a seguir:

> A senhora, percebendo o mutismo da moça, desceu lentamente as escadas até o pátio, parou na frente de Felipa e, com um gesto, fez com que todos se calassem. [...] Felipa seguia muda. Dona Joanna não se alterou, mas repetia as palavras como se fossem bofetadas no rosto de Felipa, que continuava em silêncio, com uma lágrima que lhe escorria na face. (CRUZ, 2018, p. 38).

Ações deste tipo, apesar de poderem parecer inofensivas, se observadas de maneira descontextualizada, hoje em dia, devem ser lidas, na verdade, como importantes afrontas ao poder senhorial dos brancos. Inclusive, a resposta à resistência representada pelo silêncio de Felipa será completamente desproporcional: a própria senhora arranca-lhe a língua com um facão, na frente de todos os demais escravizados como forma de demonstrar "disciplina", não se importando com a crueldade que essa atroz demonstração de poder pudesse suscitar.

> - Abram a boca desta mulher! - ordenou aos homens do feitor.
> Estendeu a mão direita e o feitor depositou nela uma faca brilhante, grande e tão afiada que feria só por encostar. Num só golpe, ela cortou a língua da escrava. Enquanto o sangue jorrava e os homens se preocupavam em estancá-lo, a senhora continuou recitando, altiva, enquanto caminhava de volta a casa, com a saia manchada de vermelho, sob os olhares de pavor de alguns [...] (CRUZ, 2018, p. 39).

Em outro episódio, após um acidente causado pela baixa segurança do trabalho que os escravizados realizavam, um deles perde parte do braço em um moedor de cana. Ao tentar convencer Moreno, um dos feitores da fazenda de Natividade, a chamar ajuda médica, Quim, um escravo idoso, já com 60 anos de idade, é amarrado ao tronco como punição por afrontar as ordens do feitor, que não queria chamar ninguém.

> Moreno interrompeu a fala de Quim com uma bofetada no rosto do velho. [...] Sem perder a calma, Quim sustentou o olhar do feitor e lentamente foi inclinando a cabeça para baixo. Cuspiu no chão sem pressa e voltou a encarar Moreno, que ficou quase tão vermelho quanto o sangue de Tito, que ainda estava fresco na terra batida.
> - Hoje, nego, ocê dorme no tronco.
> E o africano, com seus 60 anos, foi empurrado pelos capatazes e acorrentado ao tronco, perto da senzala, para passar até a mesma hora do dia seguinte preso (CRUZ, 2018, p. 47-48).

Não apenas a postura de enfrentamento merece destaque, já que os escravizados estavam completamente vulneráveis aos desmandos e à violência dos feitores, mas também o que ocorre após isso: estando no tronco, instrumento de tortura da época, depois de receber

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

muitas chibatadas, o velho Quim recebe ajuda de Dasdô, outra mulher escravizada que trabalhava na fazenda:

> Naquele passo entre a corrida e a caminhada na ponta dos pés que só ela possuía, Dasdô percorreu a pequena distância entre os barracos e o galpão. Trocou umas palavras com o feitor vigia e entregou-lhe uma trouxa perfumada. [...] ela sabia conquistar a simpatia de todos os lados daquele mundo sempre prestes a explodir.
> [...] - Num fala nada, véio. Tô trazeno o que mandaram. (CRUZ, 2018, p. 49).

Dasdô falava sobre um chá típico da medicina tradicional de seu povo ("To trazeno o que mandaram."), de origem africana. Neste trecho podemos ver que a resistência dos escravizados passava pelos conhecimentos tradicionais, pela coordenação de comunicação, pelo uso de estratégias manipulativas e pela astúcia; tudo isso para que fosse possível sobreviver e resistir à violência que sofriam, como verdadeiros protagonistas de suas histórias.

Não apenas os escravizados dedicavam-se à sobrevivência, como também, em muitas oportunidades, faziam o possível para sabotar as produções ou as instalações de seus senhores, o que advinha da extrema raiva, do assombrado ressentimento e da profunda indignação que sentiam pelo que passavam. Em uma das passagens sobre Firmino podemos ver esse relato:

> Em seu primeiro ano no engenho, o menino tratou de estragar uma forma inteira de açúcar espremendo um limão. Descoberto, sentiu pela primeira vez o gosto do chicote, do tronco e dos ferros, que o deixaram numa posição infinitamente mais incômoda que no navio tumbeiro. (CRUZ, 2018, p. 68).

Mais adiante, em outro exemplo de ação organizada, o romance nos revela o modo como uma tentativa de revolta e de fuga fracassou. Tudo começa quando aproveitam a saída de Moreno para cercar Antônio, seu ajudante:

> No cair da tarde, [...] os trabalhadores [...] deixaram suas enxadas no chão. [...] Sete homens o cercaram, com exigências de falar com o senhor. Não sendo atendidos, surraram-no e seguiram com ele para o sobrado onde certamente pegariam todos de surpresa.
> [...] Na estrada que levava ao sobrado os escravos, que na fase de elaboração dos planos aparentemente seguiam as determinações ora de Firmino, ora de Roberto, agora pareciam ganhar uma força própria, e aquela energia foi impossível de parar. Explodiu como um tornado que não se avisa. [...] [Roberto] Afinal deu razão a Firmino que sempre afirmava que estavam todos adormecidos pela dor e pelo cansaço do corpo, mas que por dentro ardia uma vontade. (CRUZ, 2018, p. 68-69).

Neste trecho, não só é possível observar a organização dos movimentos de revolta, mas também perceber como os negros, mesmo machucados física e psicologicamente, continuavam tentando mudar sua história marcada pelo autoritarismo. Ainda após a falha desta incursão, devido a uma delação de um dos próprios revoltosos, Firmino tenta planejar outra revolta para resgatar os amigos que foram presos, no entanto, os colegas haviam já sido transferidos para Salvador:

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

> Armou outro plano, desta vez para tirar Roberto, Crispim e outros da cadeia. Não teve tempo: foram transferidos para Salvador e nunca mais tiveram notícias certas deles. Não se sabe se para provocar, amedrontar ou torturar, mas um dia Moreno disse, todo sorridente, que Roberto tinha sido condenado a chibatadas e não tinha aguentado o castigo. (CRUZ, 2018, p. 69).

O texto acima, extraído de *Água de Barrela*, demonstra o quão impertinentes para os senhores eram as revoltas dos escravos a ponto de obrigá-los a tomar medidas para impedir que tais transgressões, por parte dos negros, continuassem a ocorrer.

Avançando um pouco mais no enredo, durante a ida de Firmino à Guerra do Paraguai, outro momento histórico de nosso país no qual a exploração escravista teve papel de destaque, a autora coloca em seus pensamentos palavras que marcam bem como a história de muitos negros escravizados foi de incessante combate pelo direito de resistir. A propósito, Firmino relata o seguinte sobre a discriminação dos demais soldados brasileiros: "Aquela hostilidade era uma batalha dentro das batalhas, por sua vez, dentro da guerra. Em uma noite estrelada, deitado na esteira do acampamento, pensava sobre isso, sobre como sua vida se resumia a uma luta após a outra [...]". (CRUZ, 2018, p. 95).

Mais à frente no romance, temos mais exemplos de resistência ao modelo escravista no relato sobre o crescimento e sobre o amadurecimento de Anolina, a, então, jovem sobrinha de Firmino. Ao crescer como escravizada desde seu nascimento, Anolina passa por situações de exploração física e sexual desde muito nova. O capítulo "Brinquedos Humanos" trata justamente desse aspecto da escravização: o fato de que crianças escravizadas eram tratadas como coisas, como objetos pelos senhores e pelos seus filhos. No caso da personagem Anolina, a obra relata a maneira como, compartilhando a infância com o filho mais novo dos Tosta, a menina sofria abusos: mordidas, tabefes, tentativas de cortar seu cabelo sem sua anuência e tudo o mais que era reproduzido pelo menino, conforme observava seus pais tratarem os outros escravos (CRUZ, 2018, p. 87).

Porém, um dos relatos mais chocantes da obra é a exploração que sofre Anolina, um pouco mais velha, no princípio de sua adolescência. Após Francisco, o filho dos senhores com quem dividiu a infância, ser prometido em casamento, o barão, seu pai, pede que outras escravas "preparem a menina para que ela seja a estreia de Francisco aos 13 anos"; inclusive o relato do barão é que ela só havia sido mantida por perto e "intacta" para servir àquele momento (CRUZ, 2018, p. 89).

Trata-se, sem nenhuma sombra de dúvida, de um momento contundente e repugnante da narrativa, mas que traduz muito bem como os senhores, não apenas acreditavam-se empossados dos escravizados como propriedade física, mas também se julgavam no direito de dispor dessa propriedade como bem entendessem, ignorando, por completo, até mesmo suas vontades, sua religiosidade, sua dignidade ou quaisquer outras manifestações dos povos escravizados.

O que é importante destacar para esta produção é a atitude de outras mulheres negras ao orientar a menina para o episódio:

> [...] Umbelina correu para uma parte mais afastada da horta que mantinha no quintal. Pegou algumas ervas e foi ter com Anolina em um canto. [...] Entregou-lhe as ervas para que ela ingerisse depois do fato consumado.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

> **- Come essas folhas hoje, em grande quantidade. Depois que tivé com esse sinhozinho, toma um chá bem forte com essas semente aqui…**
> [...] Anolina correu para verificar se as sementes que Umbelina lhe dera ainda estavam por lá. (CRUZ, 2018, p. 89-90, destaques nossos).

Em mais um episódio de atuação e de protagonismo histórico, vemos a indução do aborto como atitude de resistência das mulheres negras contra a escravização. Tema que, até na sociedade atual, ainda que controverso, já era vivência comum entre as mulheres escravizadas. Na tentativa desesperada de ainda manterem minimamente o controle de seu próprio corpo, e como resposta à exploração dele pelos senhores, as mulheres visavam impedir a geração de uma vida fruto de toda aquela violência. Algo que nem sempre era bem-sucedido. A respeito das práticas abortivas no período colonial brasileiro, Del Priore (1993), destaca que:

> No Brasil Colonial as práticas abortivas variavam desde chás e poções, até golpes na barriga, saltos, levantamento de peso, indução de vômitos e diarreias, além da introdução de objetos cortantes, sendo as mulheres orientadas na maioria das vezes por parteiras e benzedeiras. Não era incomum que tais práticas causassem a morte da mãe. Ao tentar livrar-se do fruto indesejado, as mães acabavam por matar-se. O consumo de chás e poções abortivas acabava por envenená-las (DEL PRIORE, 1993, p. 301).

Esse trecho de Del Priore (1993) ilustra um pouco da violência a que as mulheres pretas escravizadas eram submetidas após serem obrigadas a servir sexualmente aos filhos dos senhores, iniciando-os à vida sexual, ou aos próprios senhores de povos escravizados. Esses chás, essas poções e as demais práticas abortivas constituíam-se como meios de evitar que os frutos desses estupros vingassem e atormentassem ainda mais as vidas das meninas/mulheres pretas estupradas, uma vez que o permanente olhar e a forçada convivência com os filhos oriundos de atos profundamente violentos atormentavam, até a morte, a vida dessas meninas/mulheres pretas sexual e moralmente violentadas. Muitas crianças, entretanto, nasceram como frutos da violência e da exploração escravista, já que, muitas vezes, as mães queriam sim ter seus filhos. Mas a escolha por trazer uma nova vida ao mundo nem sempre garantia integridade física da mulher escravizada. Como vemos em *O Mulato*, no caso da mãe de Raimundo, escravizadas poderiam ser vítimas de vinganças das mulheres traídas caso escolhessem ter os filhos, frutos de relacionamentos com senhores, o que evidencia ainda mais a brutalidade e o labirinto de sofrimento em que estavam inseridas as escravizadas.

Esta não foi a única vez em que Anolina fez uso dos chás abortivos, já que as situações de exploração sexual continuavam ocorrendo. Umbelina, em outro episódio do romance, relatará a Firmino que "o jovem passou a usá-la quase todos os dias, mesmo depois do casamento com a sinhá [...] mas a jovem tinha verdadeiro horror em engravidar e não descuidou nunca das ervas e das sementes recomendadas" (CRUZ, 2018, p. 101). Esses persistentes abusos resultarão em uma gravidez indesejada e inesperada de Anolina, sobre a qual sempre pairará a dúvida em relação à paternidade da criança: o senhor ou um namorado que a moça tinha. Sobre isto, um trecho do romance demonstra claramente a sensação de alguns escravizados em relação a serem "frutos" de uma sociedade "miscigenada" à força: Firmino reflete em algum momento que "nunca imaginou que seu sangue um dia pudesse se

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

misturar com o da gente que ele mais detestava em toda a sua vida" (CRUZ, 2018, p. 103), uma reflexão muito similar à que Raimundo faz após ter seu pedido de casamento negado pelo pai de sua pretendente, já citada no tópico anterior. (AZEVEDO, 2020, p. 192).

Concluindo a primeira parte da narrativa, temos o "desfecho" da relação de Anolina com a família dos Tosta. Outra característica capital do romance de Cruz é a marcação histórica importante que ocorre durante os acontecimentos. O nascimento da filha de Anolina, Marta, ocorre após a promulgação da Lei do Ventre Livre, o que gera um dilema para os Tosta: o que fazer com a criança de Anolina já que, se decidissem não ficar com ela, uma possível parte da família se perderia, mas se decidissem ficar com a criança, deveriam mantê-la sob sua posse até os 21 anos. Essas implicações acabam resultando na assimilação de Anolina como ama dos filhos do casal Tosta. Dessa forma, a criação de Marta, filha de Anolina, será junto com a de Maricota, filha do casal de senhores, o que resultará em mais uma relação confusa, uma mistura de afeto, de violência e de exploração (CRUZ, 2018, p. 103-104).

A esta altura, entramos na segunda parte do romance, "Marta e Adônis", e já começamos a nos aproximar, cronologicamente, da proclamação da Lei Áurea no Brasil e do fim das relações de escravização, ao menos perante a lei. Por seu turno, essa segunda parte começa com a descrição de um conflito que está ocorrendo entre Moreno e Firmino. O antigo feitor, agora é uma espécie de capataz dos senhores da região, que travam disputas constantes para expandir suas terras. Isso porque, com a promulgação de cada vez mais leis que desmontavam o esquema de escravização, e, finalmente, a própria Lei Áurea, muitos negros libertos passaram a se apropriar de pedaços de terra em que já cultivavam (CRUZ, 2018, p. 109).

Neste trecho, podemos denotar o que pode ser exemplo de mais uma consequência das lutas de escravizados para negociar melhores condições de vida para si: as "brechas camponesas". Para Aline Camacho de Andrade Veras:

> [...] os senhores de engenho concediam lotes de terra, tempo para que os escravos cultivassem (geralmente aos sábados, pois domingos e dias santos eram dias de assistir à missa) e raramente enviavam feitores para vigiar os cativos. É importante ressaltar que tanto o tempo concedido aos escravos para o cultivo de sua própria agricultura era bastante variável, assim como o limite da extensão dos terrenos. Além disso, os escravos participavam do abastecimento local com a venda de alimentos. Isto propiciava a oportunidade de o escravo acumular algum dinheiro. (VERAS, 2015, p. 87).

Na continuação da narrativa do romance, apesar de Firmino e do resto de sua família já estarem libertos pela Lei Áurea, quando temos ciência de que estão tentando cultivar e cuidar de suas terras, é possível depreender que, provavelmente, tais terras foram herdadas de parte da propriedade de seus ex-senhores – prática que se aproxima muito dessa destacada do texto de Veras (2015).

Apesar dessa "conquista" dos, agora, ex-escravizados, que ainda pode parecer muito pequena frente ao sofrimento por que passaram, a luta era constante para reafirmá-la. O motivo da briga entre Moreno e Firmino, por exemplo, não era outro senão a tentativa dos barões, donos dessas ou de outras terras, de tentar expulsar os negros dali.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

> Tudo tinha sido muito claro até pouco tempo atrás, mas não naquele momento em que os negros estavam livres e ninguém mais sabia quem era quem. Estavam vivendo tempos duros. [...]
> Roubos, acusações, lutas, debandadas, polícia, milícias e violência, muita violência. Era isto o que estavam vendo para todo o lado que se virassem. [...]
> Moreno era um dos capatazes de confiança do barão [...] e sabotou o quanto pôde as roças, que garantiam um meio de vida alternativo para a população liberta. Deu ordens expressas para ninguém consertar as cercas do pasto. Desta forma, os bovinos invadiam e arruinaram as minúsculas plantações, dificultando muito a sobrevivência naqueles dias já tão complicados. Em represália à ação do capataz, a plantação de cana ardeu em chamas muitas vezes. Os negros entravam no canavial à noite para incendiar e penetravam no pasto para desviar o gado. (CRUZ, 2018, p. 110-111).

Pelo excerto destacado acima, é possível compreender como o processo de agência, por meio da luta, ainda não teve descanso mesmo após a libertação dos escravos. Muito pelo contrário, pois, para muitos, este foi um dos momentos mais difíceis na vida em uma sociedade recém liberta de todo o mal oriundo do processo de escravização, ainda extremamente contaminada pelo seu legado: racismo, cientificismo racista, discriminação, segregação física, violência, ressentimento, ódio e medo. Algo, mais uma vez, muito bem representado pela autora de *Água de Barrela* através do pensamento de Firmino: "Para Firmino estava óbvio que tudo era ordem do barão, que se fingia de compreensivo pelo **medo** que tinha deles, pretos, que estavam em maioria" (CRUZ, 2018, p. 111, destaque nosso).

E é justamente sobre os conflitos pela posse da terra que essa obra retrata o ápice da violência que negros continuavam sofrendo mesmo após a Abolição da Escravatura: Anolina será assassinada por um capataz do grupo de Moreno. O retrato de toda essa ação começa com o registro da fala de um dos barões, que passa a entrar em crise financeira com a Lei de 1888, a Lei Áurea:

> - **Como se não bastasse o prejuízo que a Lei Áurea causou**, ainda deixou nas mentes desses pobres diabos a ideia de comunismo de nossas propriedades! **Todo esse caos, esse distúrbio da ordem é consequência dessa lei.** E se usam terras que não são deles para o sustento, não irão jamais voltar à lida no canavial. (CRUZ, 2018, p. 138, destaques nossos).

Movidos por esse sentimento territorialista, ambicioso e egoísta dos barões é que os capatazes de Moreno agiram. No tumulto, Martha e seu noivo, Adônis, fugiram, Anolina foi assassinada e Firmino, assim como outros, foi preso.

> Dois homens apearam do cavalo e começaram a amarrar as pessoas. [...] De repente, de dentro do matagal surgiram Firmino, Roberto e outros homens. [...] Uma luta feroz começou, e dessa vez não apenas com foices e enxadas, mas também com armas. [...] Adônis tocou Dasdô e Martha mais para dentro do mato, mas não a tempo de impedir Martha de ver Anolina cair. O tiro destinado a Firmino a acertou em cheio. [...] [Firmino] Foi preso com o filho Roberto, e com mais dois de seus homens foram levados amarrados em uma carroça. (CRUZ, 2018, p. 140-141).

Um dos últimos relatos do romance em que podemos observar um exemplo interessante de resistência é no episódio de cooperação para a fuga da prisão de Firmino e de seus companheiros. Pelo alto teor de segurança do local, a fuga foi motivo de incompreensão de todos que viviam por perto, o que serve de ensejo importante para manifestações de outro fator muito presente durante a escravidão: a estigmatização do negro como relacionado ao mal, principalmente o "mal" como o demônio, o que já prenunciava um preconceito religioso, um racismo religioso.

> O juiz nunca chegou, e também não precisou chegar, pois os quatro desapareceram. O subdelegado Joaquim Inácio Albernaz não sabia explicar como a fuga ocorrera, visto que a cadeia era vigiada permanentemente com um forte esquema de segurança. Por dias, diligências buscaram os quatro fugitivos por toda a região, sem sucesso. (CRUZ, 2018, p. 144).

Firmino, como uma figura já conhecida por muitos, era tido como um "feiticeiro" ou alguém com "pauta com o demônio". Após sua fuga, esses relatos aparecem e retratam fielmente como a "mistificação" do diferente foi uma ferramenta para o endosso de comportamentos racistas:

> A fuga espetacular foi logo alvo da imaginação e criatividade do povo, que agora sim tinha a certeza absoluta de que Firmino tinha algo com o "demo". Alguns diziam que viram a fumaça sair pela casa de detenção e que o "Sujo" viera libertar seu filho pessoalmente. Outros juravam que viram Firmino se transformar em um gigante cavalo negro e, com os três amigos na garupa, desaparecer na noite. (CRUZ, 2018, p. 144, destaques da autora).

Essa associação de negros com "figuras místicas de feiticeiros" é também perfeitamente retratada em *O Mulato*, também na figura de Domingas. Episódio que marca bem esta caracterização é o relato que o guia faz à Raimundo e seu tio quando estão indo a São Brás:

> ...Enquanto isso não chega, vaga pela tapera a pobre alma penada, de dia que nem um pássaro negro, enorme, que canta a finados, e de noite vira-se numa feiticeira, que dança e canta, rindo como as raposas. Quando algum imprudente atravessa perto, a feiticeira o persegue de tal feitio que o infeliz, se não estiver montado, ela o pilha com certeza! (AZEVEDO, 2020, p. 163).

Mais adiante no romance de Cruz (2018), concretizando o movimento de cooperação entre os escravizados e desmistificando a estigmatização maldosa que recai sobre Firmino, descobrimos que a fuga foi, na verdade, um estratagema inteligente de Verônica, ex-companheira de Firmino, que, sabendo da prisão de seu amado, ludibria os guardas e ajuda os presos a escaparem, o próprio Firmino explica o ocorrido para Martha quando a reencontra:

> - Ela começou um "trelêlê" com eles, dizendo que procurava o delegado, e no meio da conversa, como quem num qué nada, ofereceu bebida e uma galinha com um cheiro perfumado que ia até Salvador. Ela sabia que o

> Albernaz num ia aparecê. Tinha dado uma erva forte pro homem, que ficou dormindo quase o dia todo. Os abobalhado dos soldados tudo caiu na comida e na bebida. Quado estavam bem alegre, entraram umas amiga dela e a diversão foi grande. Ela, de mansinho, rodou pela delegacia, zoiô tudim e viu que tinha uma janelinha lá no alto do nosso xilindró. Quando ficaram zonzos, pegou as chaves e prensou numa barra de sabão. Uns quatro dias depois voltou por lá procurando de novo o delegado e dessa vez ele estava lá. Falou umas bobagens com o diacho do Albernaz, levou um bolo de fubá, fez uns cafuné e deixou em cima da mesa dos guarda, como se tivesse esquecido, num sabe? Um pacote com umas três garrafas de garapa da boa. Pronto. Foi o disgrama do delegado botá o pé fora que os tonto se emborracharam na pinga e durmiram. A Verônica só teve o trabaio de jogá as chave por em cima da janelinha. Quando foi bem dentro da madrugada, ninguém na rua, nóis saiu e ganhô mundo. (CRUZ, 2018, p. 157).

Este episódio marca um dos últimos momentos da obra em que os protagonistas enfrentam uma consequência mais direta de violência contra corpos negros: neste caso, o cárcere. Podemos ver, mais uma vez, toda a complexidade de pensamento, de planejamento e de improviso que Verônica teve para poder ajudar suas pessoas queridas por quem tinha carinho e cumplicidade. Mais um momento em que a obra destaca a ação de pessoas negras no combate por suas liberdade e dignidade.

4 Considerações Finais

Partindo dos conceitos explicitados inicialmente – "estereotipificação" e "agência histórica" – e da posterior análise das obras com as devidas exemplificações, podemos traçar um paralelo possível de conclusão acerca da comparação entre elas.

A obra de Azevedo, escrita no fim do século XIX, nos revela uma visão completamente enviesada pelo cientificismo racista da época. Não apenas na construção das personagens, mas também nas abordagens do narrador, podemos encontrar estigmatizações e "estereotipificações": o negro visto como vadio, como violento, como bom parceiro sexual, como incapaz de depreender conhecimento e como malicioso. Além disso, em outras personagens para além do protagonista, temos estereótipos diretamente relacionados à escravização: a docilidade do escravizado, o caráter servil do escravizado e a lealdade do escravizado por um suposto "amor ao senhor".

Já na obra contemporânea, no romance de Cruz, a caracterização dos escravizados é completamente diferente. Não apenas o narrador é em uma terceira pessoa, cujo escopo está intrinsecamente aproximado dos personagens escravizados, mas também as descrições das ações dos personagens sempre aparecem justificadas por suas próprias escolhas e, principalmente, por sua luta: a luta pela dignidade e pela liberdade. Estamos, então, diante de um importante exercício da "agência histórica", em cujo processo tais personagens arrogam para si o direito de contar suas histórias, sob suas perspectivas e sob seus olhares. É gritante a diferença do retrato dessas figuras tão emblemáticas, engendrado por elas próprias, e que podem trazer explicações para o que se tornou nosso país: os escravizados. Estamos diante da narrativa dos povos escravizados composta por eles, não pelo homem branco e europeu, a exemplo de Aluísio Azevedo em *O Mulato*.

Levando em conta nossas reflexões iniciais sobre o ensino da literatura nas escolas, não poderíamos deixar de destacar a importância que esse tipo de leitura crítica pode ter no

ensino das futuras gerações. O conhecimento, não apenas sobre o Naturalismo e a Literatura Contemporânea, mas também o estudo crítico e atento sobre todas as escolas e sobre todos os movimentos literários do nosso cânone, é essencial para a formação do ser humano e do cidadão brasileiro, cuja construção de personalidades autônomas e críticas ocorre, também, via contato permanente com a leitura do texto literário. No entanto, uma leitura descontextualizada, que não enseja a reflexão acerca do lido, que não fomenta a compreensão e a interpretação do conteúdo, e nem estimula o entendimento do contexto de produção de obras consagradas de séculos passados, só parece servir a interesses também de séculos passados.

Se queremos que a educação garanta um futuro emancipador, empático e antirracista para nosso país, é preciso que comecemos a contestar nosso cânone e que encontremos, nessas fissuras causadas pelo confronto com a contemporaneidade, uma visão, sim, triste, porém emancipatória sobre nossa História, que não poderia ter sido escrita sem a substanciosa e importante contribuição dos povos africanos escravizados. E no caso de muitos alunos, sobretudo negros, a reflexão sobre essas obras é também uma reflexão sobre suas próprias histórias; muitas vezes, alijadas e apagadas de toda a formação histórica e literária da Literatura Brasileira.

Assim, o trabalho em sala de aula com textos de autores negros, clássicos ou atuais, permite a exploração de novos olhares e a ampliação da representatividade na literatura, aproximando-a dos sujeitos marginalizados; também possibilitando o contraste com outros autores e com outras obras, na formação de uma visão crítica e refinada dos processos sociais que atravessam nossa produção literária e cultural.

Em última análise, aqui, é importante destacarmos que a literatura afro-brasileira não é uma literatura restrita apenas à população negra, mas sim uma literatura que abrange toda a nossa sociedade e, portanto, ela deveria ser tida como patrimônio histórico-cultural da formação da sociedade brasileira. Também por esse motivo, a inclusão dos textos literários escritos por autores pretos e pretas no ensino básico pode contribuir para a construção de uma educação mais inclusiva e diversa, que valoriza a pluralidade cultural e étnico-racial brasileiras. Por fim, a inclusão da literatura afro-brasileira na Educação Básica é de extrema importância, pois permite o reconhecimento da história e da cultura dos negros no Brasil, a ampliação da visão de mundo dos estudantes e a formação de cidadãos críticos e reflexivos, capazes de enfrentar os problemas sociais e de lutar por uma sociedade mais justa, mais democrática e mais direcionada às práticas docentes direcionadas à constituição, de fato, de uma educação antirracista.

Referências

AZEVEDO, Aluísio. **O mulato**. 3ª ed. Jandira: Principis, 2020.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. tradução de Myriam Avila, Eliane Livia Reis, Glauce Gonçalves. Belo Horizonte, Editora UFMG, 1998.

CISNE, Mirla.; IANAEL, Fernanda. Vozes de resistência no Brasil colonial: o protagonismo de mulheres negras. **Revista Katálysis**, v. 25, n. 2, mai. 2022.

COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009. p. 57.

COUTINHO, Afrânio. Realismo. Naturalismo. Parnasianismo. *In*:_____. (Org.). **A literatura no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: Sul Americana, 1969. v.3.

CRUZ, Eliana Alves. **Água de barrela**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Malê, 2018.

DEL PRIORE, Mary. **Ao sul do corpo:** condição feminina, maternidade e mentalidades no Brasil Colônia. Rio de Janeiro: José Olympio; Brasília: Ed. UnB, 1993.

GIL, Tiago Luís. **História e historiografia da escravidão no Brasil**. Curitiba: Intersaberes, 2019.

HOLANDA, Sérgio Buarque de. **Raízes do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

LEMOS, Carlos de Almeida. A Imitação em Aristóteles. **ANAIS DE FILOSOFIA CLÁSSICA**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 84-90, 2009.

MARINGOLO, Cátia Cristina Bucaiuva. **Água de barrela, de Eliana Alves Cruz: a saga de uma família negra no Brasil em três séculos de história**. Disponível em: http://www.letras.ufmg.br/literafro/resenhas/ficcao/72-eliana-cruz-agua-de-barrela. Acesso em: 27 jan. 2023.

MOREIRA, Paulo Roberto Staudt. "Há tantos libertos que vivem na miséria. ademais, não podia viver sem meu senhor": representações sobre escravidão e liberdade na novela O Patuá, de Carlos Jansen (1878/1879). **Revista Prâksis**, [S. l.], v. 1, p. 54–83, 2021. DOI: 10.25112/rpr.v1i0.2324. Disponível em: https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/2324. Acesso em: 29 jan. 2023.

TAUFER, Adauto Locatelli; DANDI CARDOSO, Bruna Raíssa. Mediação de escrita, em comunidade colaborativa, através de oficinas literárias de Escrita Criativa na Educação Básica. **Cadernos do Aplicação**, Porto Alegre, v. 35, 2022. DOI: 10.22456/2595-4377.120819. Disponível em: https://seer.ufrgs.br/index.php/CadernosdoAplicacao/article/view/120819. Acesso em: 18 jun. 2023.

VERAS, Aline Camacho de Andrade. A escravidão no Brasil e formas de resistência negra. **ENCONTROS**. ANO 13, n. 25, 2º semestre de 2015.

ZELNIK, Eran. **Agency (part 1)**. Society for US Intellectual History, 22 out. 2015. Disponível em: https://s-usih.org/2015/10/agency-part-1/. Acesso em: 29 mar. 2023.

Informações sobre a contribuição individual:

Augusto Casoni Quinellato: conceitualização, organização, interpretação e análise de dados, investigação e redação.

Adauto Locatelli Taufer: conceitualização, organização, investigação, metodologia, supervisão/orientação, redação.

Marcia Cristina Roque: conceitualização, organização, investigação, metodologia, supervisão/orientação, redação.

https://doi.org/10.22456/2595-4377.131265

Data de submissão: 29/03/2023
Data de aceite: 28/06/2023